

Entrevista com o professor Odair Gercino da Silva *

Geosul: Este ano comemora-se o cinquentenário da antiga Faculdade Catarinense de Filosofia onde começou o Curso de Geografia da UFSC. Para discutir um pouco a geografia de Santa Catarina convidamos o professor Odair, aluno das primeiras turmas do curso e posteriormente professor do departamento de Geociências da UFSC para conceder esta entrevista. Para iniciar gostaríamos que o senhor nos falasse sobre sua origem e seus primeiros anos de estudo.

Prof. Odair: Nasci no Sul da Ilha de Santa Catarina, na localidade denominada Costeira do Ribeirão da Ilha e com dois anos de idade meus pais foram residir em Pântano do Sul. Meu avô paterno era professor na Freguesia do Ribeirão da Ilha e havia sido transferido para o Pântano do Sul no início da década de 30. Quando ele se aposentou, na metade dos anos 30, minha mãe passou a ocupar sua vaga, mediante nomeação. Meu pai, ao se casar, foi trabalhar na atividade rural com meu avô materno que possuía engenho de farinha-de-mandioca e de açúcar-de-cana na localidade de Caiacangaçu. Em Pântano do Sul, trabalhou na pesca artesanal e era proprietário de equipamentos de pesca, assim como baleeira, canoa, redes e espinhel, em sociedade com meu avô paterno. Parte de minha infância, entre os 8 e os 14 anos, trabalhei em uma salga de produtos de pesca, de propriedade de meu avô. Minha função era pesar os peixes e fígados de cação mangona, os quais eram exportados para São Paulo; também ajudava a tratar dos cavalos de

* Professor aposentado do Depto. de Geociências – CFH/UFSC. Entrevista realizada em outubro de 2004, nas dependências do Departamento de Geociências – CFH/UFSC, com a participação das professoras Sandra Maria de Arruda Furtado e Maria Dolores Buss.

meu pai e geralmente acompanhava meu avô em sua charrete quando vinha a Florianópolis. Deixávamos o cavalo com a charrete em um pasto nas proximidades do Armazém Vieira (no Saco dos Limões), onde havia um ponto de ônibus para o centro da cidade. Realizei meus estudos primários em Pântano do Sul e aos 14 anos fui para a Academia de Comércio de Santa Catarina, localizada no centro da cidade. Então passei a residir na rua Conselheiro Mafra, com minha tia. O período de adaptação, que durou mais de um ano, foi bastante difícil em virtude da mudança cultural, de hábitos diferentes e de novas amizades com diferentes padrões sociais.

Geosul: E quando o senhor começa a se interessar por Geografia?

Prof. Odair: Meu interesse pela Geografia começou já na minha infância, quanto tive os primeiros contatos com um Atlas Geográfico de meu avô paterno, João Belarmino da Silva. Tratava-se do Atlas “Aguillar”, de capa verde e um dos mais completos que conheci. Meu avô, além de permitir que eu manuseasse tal preciosidade, me transmitiu alguns conhecimentos superficiais sobre escala, as cores-símbolos e alguns símbolos convencionais. Um segundo exemplar do mesmo Atlas fui conhecer na biblioteca do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia, o qual muito me auxiliou nos estudos e trabalhos de Geografia na Faculdade.

Em 1956 fui admitido no Departamento Estadual de Geografia e Cartografia de Santa Catarina (DEGC), na função de auxiliar de desenhista. Os primeiros conhecimentos sobre aplicação das técnicas do desenho cartográfico me foram repassados pelo excelente cartógrafo, ex-colega de trabalho e grande amigo Osmar Manoel Coelho. O DEGC sempre manteve uma espécie de parceria com a antiga Faculdade Catarinense de Filosofia, através do Curso de Geografia. Posteriormente, com a implantação da UFSC, essa parceria se manteve até a extinção do DEGC em 1977. Durante todo esse processo de intercâmbio cultural, técnico e científico, nunca constatei qualquer documento que oficializasse essa ligação. Naquela época o corpo técnico do DEGC cumpria 20 horas

semanais: então, à tarde se trabalhava no DEGC e alguns, pela manhã, ministravam aulas na Faculdade. Foi assim com os professores Armen Mamigonian, Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, que era do Conselho Nacional de Geografia e que havia sido colocado à disposição do diretório Regional de Geografia de SC para Coordenar os trabalhos do Atlas Geográfico de Santa Catarina. Também ministravam aulas no Curso de Geografia o professor Paulo Fernando Lago, o professor Francisco Kazuiko Takeda, a professora Marly Bustamante Mira; o professor Walter Fernando Piazza dava aula no Curso de História. Além disso, o DEGC colocava à disposição do Curso de Geografia toda a documentação cartográfica disponível, aerofotos de 1936 e de 1957, bem como todo o acervo bibliográfico e espaço físico para a elaboração de trabalhos e estudos. Para a realização de pesquisas de campo, sempre havia uma viatura, jeep ou kombi com motorista, à disposição dos professores e seus alunos, incluindo despesas com diárias e combustíveis. O DEGC não representava apenas um órgão técnico, mas também exercia o papel de centro de estudos e pesquisas geográficas, e áreas afins. Com a implantação da Universidade, houve a transferência de quatro cartógrafos experientes e um técnico em “ofset” do DEGC para a UFSC mediante a interferência do prof. Oswaldo Rodrigues Cabral, então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Tal episódio ocasionou grande prejuízo ao quadro técnico do DEGC e, conseqüentemente, um enfraquecimento do órgão, pois o número de cartógrafos foi reduzido em 50%, e as vagas não puderam ser preenchidas. Como funcionário do DEGC, tive a oportunidade e a satisfação de trabalhar ao lado de grandes mestres da Geografia. Um dos trabalhos que mais me fascinou, no início de minha carreira, como desenhista-cartógrafo, foi a realização do Atlas Geográfico de Santa Catarina, considerado pelo IBGE como o primeiro Atlas Regional do Brasil, editado em 1958, sob a coordenação do prof. Carlos Augusto Figueiredo Monteiro. O freqüente contato com os professores Armen Mamigonian, Paulo

Lago, Carlos Augusto e Francisco Takeda, muito contribuiu para a minha opção pela Geografia.

Geosul: E quando o senhor ingressou no curso de geografia?

Prof. Odair: Em 1959, embora já estivesse decidido a prestar exame de seleção para ingressar no Curso de Geografia, o prof. Carlos Büchele Jr., que na época era diretor do DEGC, reforçou minha convicção ao ressaltar que o órgão tinha interesse na capacitação de seu corpo técnico. Assim, em março de 1960 ingressei como aluno no Curso de Geografia da Faculdade Catarinense de Filosofia, situada na rua Almirante Lamago, próximo à praça Esteves Júnior. Na Faculdade Catarinense de Filosofia, fui eleito presidente do Diretório Acadêmico e concluí meu mandato já na UFSC, no Campus da Trindade, considerado na época como local de difícil acesso e distante do centro. O prof. Henrique da Silva Fontes, então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, incentivava a realização de encontros para estimular a transferência das demais faculdades para o campus da Trindade, que na época, apesar do ar puro e ambiente tranquilo, nos dias de chuvas havia muita lama entre a praça da igreja, o ponto de ônibus mais próximo, e o prédio da Faculdade de Filosofia, primeiro bloco construído. Na condição de funcionário do DEGC e aluno de Geografia, tive a oportunidade de realizar diversas pesquisas de campo pelo interior do Estado juntamente com os professores Armen Mamigonian, Paulo Lago, Hélio Romito e Francisco Takeda. No início de 1963 fui contemplado com uma bolsa do Conselho Nacional de Geografia (CNG) para realizar um Curso de Férias para Aperfeiçoamento de Professores, na cidade do Rio de Janeiro. O corpo docente do curso era composto por renomados mestres da Geografia brasileira, entre os quais: Alfredo José Porto Domingues, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, Lysia Maria Cavalcante Bernardes, Myriam Gomes Coelho Mesquita, Orlando Valverde, Pedro Pinchas Geiger, e outros. Ao concluir o Curso de Geografia na UFSC, Licenciatura em dezembro de 1963 e Bacharelado em dezembro de 1964, fui

orientado pelo professor Armen a fazer um aperfeiçoamento em Cartografia e Fotointerpretação na Universidade de Estrasburgo, na França, sob a coordenação da professora Sylvie Rimbart. O curso foi de outubro de 64 a junho de 65, com bolsa do governo francês. Em Estrasburgo, tive o prazer de conhecer Roberto Lobato Corrêa, que realizava estudos de Geografia Urbana sob a orientação do professor Etienne Julliard. Ao retornar da França, reassumi minhas atividades no DEGC e comecei a dar aulas de Geografia no Colégio Aderbal Ramos da Silva, já que antes de viajar havia prestado concurso para a Rede Estadual de Ensino. Em abril de 1967, fui contratado pela UFSC para assumir a disciplina de Cartografia, no Curso de Geografia.

Geosul: O senhor poderia falar um pouco mais sobre sua trajetória profissional na Geografia e no DEGC...

Prof. Odair: Os conhecimentos que obtive no Centro de Geografia Aplicada, do Instituto de Geografia da Universidade de Estrasburgo, sobre Cartografia Temática e Fotointerpretação, no ano universitário 64/65, foram de significativa importância para a minha vida profissional. Até então não se falava em Cartografia Temática no Curso de Geografia da UFSC. O prof. Peluso, ao apreciar o meu Plano de Curso para a disciplina de Cartografia, reconheceu que se tratava de novos conhecimentos cartográficos e mais direcionados à Geografia. A partir daí se passou a adotar os programas da Cartografia Geral, Cartografia Temática e Fundamentos de Fotointerpretação no Curso de Geografia da UFSC. Em maio de 1966, fui nomeado para o cargo de Diretor Geral do DEGC em virtude da aposentadoria do Prof. Carlos Büchele Junior. Permaneci na direção daquele órgão até 1977, quando ocorreu a sua extinção. Minha principal meta de atuação, logo de início, consistia na elaboração de um Plano Cartográfico para todo o Estado, o qual deveria atender às demandas técnico-científicas, econômicas e sociais. Para se obter o apoio técnico-financeiro da Fundação IBGE, o Plano Cartográfico de Santa Catarina passou a integrar o Plano Cartográfico Nacional, cuja

prioridade era o “Mapeamento Topográfico Sistemático”. É importante registrar que até 1966 Santa Catarina era considerada como um pequeno estado com um grande vazão cartográfico, no que concerne ao mapeamento planialtimétrico com a devida precisão e escalas compatíveis com as necessidades da época. As únicas áreas mapeadas no Estado, até então, compreendiam a faixa situada ao Oeste do Meridiano de 52° W.Gr., considerada área de segurança nacional, que dispunha de antigo mapeamento topográficas na escala 1:100 000, e algumas folhas topográficas na escala 1:50 000, cobrindo áreas urbanas como Florianópolis, Joinville, Blumenau, Araquari, Gaspar e Itajaí. Esse mapeamento havia sido executado pela Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério do Exército, de forma muito lenta e sem obedecer a um planejamento cartográfico destinado a atender às reais necessidades cartográficas do Estado. O mapeamento executado pela Diretoria do Serviço Geográfico, por ser muito antigo, já estava bastante desatualizado em virtude do aumento populacional no Oeste catarinense, resultando numa rápida transformação do uso do solo e no desmatamento acelerado. As folhas topográficas das áreas urbanas, por sua vez, encontravam-se completamente desatualizadas em virtude da expansão urbana. Assim, juntamente com o Prof. Francisco K. Takeda, Dr. José Oswaldo Fogaça e Engº. Roberto Duque de Novaes, estes dois últimos da Fundação IBGE, elaboramos um Plano Cartográfico de conformidade com as necessidades regionais do Estado e obedecendo às normas cartográficas nacionais e internacionais, cuja proposta foi apresentada ao Governo do Estado no início de 1967. O Governador Ivo Silveira, embora inicialmente houvesse demonstrado pouco entusiasmo, certamente por imaginar que se tratava de um empreendimento sem grande repercussão na esfera política, nos credenciou a implementar o Plano Cartográfico mediante a realização de convênios, uma vez que não havia recursos financeiros para esse fim. Assim, foram firmados convênios entre o Governo do Estado – representado pelo DEGC – , a Fundação IBGE e a Superintendência de Desenvolvimento da

Região Sul (SUDESUL). Da parte do Governo do Estado, os recursos financeiros eram provenientes do Plano de Metas do Governo (PLAMEG). O Inter American Geodetic Survey (IAGS) – órgão das Forças Armadas Americanas, que contava com uma escola de Cartografia no Panamá para dar suporte geodésico, cartográfico e aerofotogramétrico aos países da América Latina – contribuiu de forma significativa com o desenvolvimento da Cartografia de Santa Catarina no período 70/75. A participação do IAGS consistiu no fornecimento de materiais e equipamentos cartográficos e de restituição aerofotogramétrica ao DEGC, bem como na doação de dois jipões das Forças Armadas Americanas para a realização dos trabalhos geodésicos e de reambulação de fotos aéreas, além de oferecer cursos de capacitação técnica aos funcionários do DEGC.

O Mapeamento Topográfico Sistemático de Santa Catarina contemplava dois níveis de detalhamento compatíveis com a dinâmica sócio-econômica do Estado no final da década de 60: folhas topográficas na escala 1:50 000, de 15' de latitude por 15' de longitude, compreendendo toda a faixa ao Leste do Meridiano de 50° W.Gr., e folhas topográficas na escala 1:100 000, de 30' de latitude por 30' de longitude, cobrindo a faixa situada ao Oeste do meridiano de 50° W. Gr. Esse mapeamento, abrangendo a totalidade do território catarinense, foi certamente um dos empreendimentos de maior relevância para o Estado de Santa Catarina, no que concerne às bases cartográficas do Estado, sob a efetiva coordenação e participação do DEGC. Esse mapeamento tem até hoje grande aplicação em diversos setores do conhecimento e no planejamento físico-territorial. É importante ressaltar que grande parte do levantamento Geodésico do Estado, realizado por Victor Antônio Peluso Junior no período de 1939 a 1946 e por outros profissionais, teve que ser feito em virtude da destruição dos marcos geodésicos. Alguns marcos foram até encontrados até em gabinetes de prefeitos, provavelmente por terem a inscrição “não destrua – protegido por Lei”.

Deve-se registrar que o último vôo aerofotogramétrico do Estado de Santa Catarina, com recobrimento simultâneo em duas escalas, sendo uma 1:25 000 em filme pancromático preto e branco e outra 1:40 000 em filme infra-vermelho colorido-falsa cor, foi programado e aprovado pelo Governo do Estado no final de nossa gestão, em 1977, e foi realizado no período 1978/79. Passados mais de vinte anos, o Estado de Santa Catarina está a exigir, urgentemente, um novo vôo aerofotogramétrico e um novo Plano Cartográfico em escala compatível com as dinâmicas regionais e que atenda os interesses econômicos, sociais, técnicos e científicos.

Outro destaque no plano de atividades do DEGC para o início dos anos 70 era a realização de um novo Atlas Geográfico, que contaria com recursos do Plano de Metas do Governo (PLAMEG). Foram realizadas pesquisas de campo sobre Geografia Urbana, Geografia Econômica, Geologia, Fitogeografia e outros temas. Participaram de pesquisas de campo os professores Armen Mamigonian, Paulo Lago, Francisco Takeda, Miguel Klein, padre Raulino Reitz e outros professores, onde me incluo, e alunos do Curso de Geografia. As pesquisas foram interrompidas por questões de mudanças na diretoria do PLAMEG e também por questões de contenção de verbas. Parte dessas pesquisas resultou na publicação de alguns trabalhos, como por exemplo, o Mapa Fitogeográfico de S.C., de autoria do Prof. Miguel Klein, publicado em 1978 em colaboração com a Fundação de Amparo à Tecnologia e Meio Ambiente (FATMA).

Por tudo isso se pode ver que a participação do DEGC na história da Geografia de Santa Catarina foi bastante relevante. Grande parte de sua produção e acervo técnico – bases cartográficas, aerofotos de diversos recobrimentos aerofotogramétricos, publicações geográficas e documentos histórico-geográficos – têm servido até hoje como importantes subsídios para novas pesquisas, planejamentos físico-territoriais, e na elaboração de dissertações de mestrado e teses de doutorado, bem como a outros trabalhos sobre o território catarinense que exijam suportes técnicos de ordem geográfica, cartográfica e

aerofotogramétrica. Deve-se acrescentar ainda todo o apoio logístico oferecido pelo DEGC ao Curso de Geografia durante mais de três décadas.

Geosul: Com um significado tão importante, por que na década de 70 esse departamento foi extinto?

Prof. Odair: Além do DEGC, outras instituições entraram no processo de compactação do governo Antonio Carlos Konder Reis. Lembro-me que o Departamento Estadual de Estatística e o Departamento de Caça e Pesca também foram extintos pelo mesmo plano. No caso particular do DEGC, tudo nos leva a crer que sua extinção tenha ocorrido por questões políticas, embora o governo a justificasse como sendo de ordem financeira. Para elucidar a questão, é bom que se diga que o DEGC sempre foi tachado de “ninho dos Ramos” em virtude de a grande maioria de seus funcionários ser descendente de famílias ligadas à política dos Ramos (Nereu Ramos, Aderbal Ramos da Silva, Celso Ramos...), historicamente rivais. Com a extinção do DEGC em 1977 e a transferência de suas responsabilidades técnicas para a FATMA, em 1978 fui posto à disposição do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) com o propósito de elaborar o Plano Cartográfico para o Aglomerado Urbano de Florianópolis. Na época, o Município de Florianópolis não dispunha de uma base cartográfica atualizada e com a devida precisão. Havia apenas uma planta de referência cadastral, planimétrica, na escala 1:5 000 e bastante desatualizada. O Plano Cartográfico do Município de Florianópolis, que contemplava o Aglomerado Urbano, foi elaborado em 1978. No final de 1979, toda a área compreendida pelo Aglomerado Urbano de Florianópolis passou a dispor de uma Planta de Referência Cadastral planialtimétrica na escala 1:10 000 e de uma base cartográfica em ortofotocarta na escala 1:5 000, cobrindo todas as áreas do aglomerado urbano. Hoje, o Município de Florianópolis é dotado de excelentes bases cartográficas e aerofotogramétricas, todas em sistema digital e a cores. O novo Plano Cartográfico do Município é considerado um dos mais

modernos do país. É constituído de planta cadastral e ortofotocarta, com possíveis reproduções em diversas escalas, e foi executado em 2002 sob a coordenação do geógrafo Marcelo Nascimento.

Geosul: O senhor também lecionou em outros cursos superiores aqui do estado...

Prof. Odair: Dei aulas na implantação do curso de Geografia em Itajaí, onde fui convidado pelo professor Miguel Klein para a disciplina de Cartografia e também para ser responsável pela divisão de Geografia. Da mesma forma trabalhei na implantação do curso de Geografia em Joinville, como professor de Cartografia, tendo sido convidado pelo prof. Paulo Lago. Em Joinville, assim como em Itajaí, havia também outros cursos como História, Matemática e Letras. Então saía daqui da Universidade uma Kombi lotada de professores. Geralmente cada professor fazia uma viagem por semana. O propósito era formar a primeira turma e implantar cursos de especialização para aproveitar os alunos com melhor aproveitamento para assumir as aulas. Também ministrei aulas de Cartografia em Tubarão, por um período de seis meses, em um curso de especialização para professores de Geografia. Foi tudo na mesma época, de 1967 a 1974. Essas faculdades estão atualmente incorporadas respectivamente na UNIVALI, na UNIVILLE e na UNISUL. Foi no Curso de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville que tive o prazer de conhecer Maria Dolores Buss e Salete Munhoz, como alunas do curso.

Geosul : E quando foi a sua ida para a França para a realização do doutorado?

Prof. Odair: Minha luta para realizar a Pós-Graduação começou no início da década de 70. Ingressei no Curso de Mestrado em Geografia da USP e tinha como orientador o professor francês André Libault, especialista em Cartografia. Seu retorno à França e a Reforma Universitária, que passou a exigir grande carga de horas/aula, contribuíram para que eu viesse a abandonar o curso. Com a implantação do Curso de Especialização em Geografia

Regional na UFSC, eu e minha esposa, Zuleide, fizemos o curso no período de 1975 a 1976. Em setembro de 1979, fui contemplado com uma bolsa da CAPES e iniciei meu Doutorado no Centro de Geografia da Universidade de Poitiers. Fiz o DEA, Diploma de Estudos Aprofundados, e defendi o Doutorado em outubro de 1982, tendo como tema “A água e os problemas de planificação na região de Poitiers”. Minha esposa também defendeu o DEA sobre “Planificação de rede escolar de 1º e 2º graus”. Nossos filhos Charles, Luciana e Simone realizaram seus estudos na França durante a nossa permanência que durou 37 meses. Ao retornar ao Brasil, em outubro de 1982, fui convidado pelo Prof. Sílvio Coelho dos Santos, então Pró Reitor de Pesquisa e Pós Graduação da UFSC, para contribuir no processo de implantação do Mestrado em Geografia. Em abril de 1983 o Prof. Paulo Lago, na condição de Diretor do Centro de Ciências Humanas, designou uma Comissão com o objetivo de elaborar o Projeto do Curso de Mestrado em Geografia, da qual tive a honra de participar juntamente com as professoras Neide de Oliveira Almeida e Leda Orselli. Outros professores do Departamento de Geociências colaboraram igualmente na elaboração do projeto que foi implantado em 1985.

Geosul: O Curso de Mestrado de Geografia não foi decorrente dos cursos de especialização?

Prof. Odair: O primeiro curso de especialização do curso de Geografia da UFSC foi organizado e coordenado pelo prof. Hélio Romito e tinha como área de concentração Geografia Regional; foi este o curso que eu fiz, assim como a Zuleide, o Celito, o Milton Digiácomo e outros professores do Departamento de Geociências. No início da década de 80 foram implantados outros dois cursos de especialização: um que era coordenado pelo prof. Paulo Lago, com recursos da SUDESUL, e tinha como área de conhecimento Utilização e Conservação de Recursos Naturais; O outro, sob a coordenação do Prof. Hélio Romito de Almeida, tinha como área de concentração Desenvolvimento Regional e Urbano. Estas duas

áreas de concentração passaram a ser contempladas pelo nosso programa de Mestrado.

Prof. Celito: Na verdade esse curso criado pelo Paulo Lago era interdisciplinar, envolvia a profa. Blanca Sierra, da Biologia. E eu me lembro, que eu era chefe do departamento e, em 1980, foi criada a primeira Semana de Geografia e Meio Ambiente, que foi uma promoção do Departamento de Geociências e do Departamento de Biologia, que foi também organizada pelo prof. Paulo e pela profa. Blanca e que foi realizada entre o fim de maio, devido ao dia do geógrafo, e 5 de junho, dia do meio ambiente. No primeiro evento a programação foi feita basicamente por eles; no ano seguinte não: passou a ser exclusivamente a Semana do Geógrafo, como era chamada inicialmente. É interessante citar que no segundo semestre de 1979, começou a funcionar a primeira turma do bacharelado em Geografia, e se tinha uma preocupação, pois havia sido criado com a obrigatoriedade de um estágio. E onde fazer estágio? Na época era uma grande indagação. Coincide também que em 1979 foi regulamentada a profissão de geógrafo, sendo mais um campo que se abria. E aí tivemos a idéia de trazer pessoas importantes para a Geografia e outras vinculadas a lugares onde se pudesse fazer estágio: trouxemos Milton Santos e Dirceu Carneiro, então prefeito de Lages, e profissionais ligados aos órgãos do Estado. E de lá até hoje a Semana de Geografia tem sido realizada todos os anos, sempre coincidindo com o dia do geógrafo e sempre procurando buscar espaços de atuação.

Geosul: O senhor também assumiu funções administrativas na UFSC...

Prof. Odair: Na UFSC, minhas funções administrativas ficaram em grande parte restritas ao Departamento de Geociências. Na condição de Sub-Chefe do Departamento, de 1972 a 1974, assumi a chefia durante o afastamento do titular, prof. Hélio Romito de Almeida, quando ele foi realizar seu Curso de Aperfeiçoamento na França. Minha experiência administrativa na Pós-Graduação, como

Coordenador do Curso de Especialização, Sub-Coordenador e Coordenador do Curso de Mestrado, desde 1983 a 1991, representa para mim um grande sabor de dever cumprido, especialmente quando me encontro com ex-alunos que atuam em instituições técnicas ou de ensino. Em 1987 fui indicado pelo Prof. Diomário de Queiroz, então Pro-Reitor de Pesquisa e Extensão, para integrar uma comissão de implantação do Laboratório de Sensoriamento Remoto de Santa Catarina, o LARS, do qual assumi a Coordenação Geral de 1988 a 1990.

Geosul: E atualmente em que o senhor está envolvido?

Prof. Odair: Desde minha aposentadoria em 1992, venho atuando como Consultor Técnico em Geografia e Cartografia e realizando trabalhos de Perícia Técnica ou mais especificamente Perícia Ambiental. A propósito, esta é uma nova área de atuação profissional e de relevante interesse social que exige conhecimentos interdisciplinares e neste contexto se destaca os conhecimentos da Geografia. Está na hora dos cursos de Geografia pensar em novas frentes de trabalho para o geógrafo e prepará-lo para atuar em outras áreas que são asseguradas pela Lei N° 6.664/79, que disciplina a profissão do Geógrafo. Tenho prestado também assessoria técnica a diversas instituições não governamentais do Sul da Ilha de Santa Catarina, como por exemplo, o Instituto Ambiente Sul, o Movimento Campeche Qualidade de Vida, o Movimento Pró Qualidade de Vida do Distrito de Pântano do Sul e o Movimento Verde Mar Vida do Ribeirão da Ilha. Minha preocupação com o Sul da Ilha se justifica por se tratar de uma das áreas mais bem preservadas do Município de Florianópolis e por ser palco de fortes pressões imobiliárias. Daí a nossa luta contra o Plano Diretor do Campeche, elaborado pelo IPUF, com previsão para concentrar 450 000 habitantes. Outro foco de nossa luta se situa no Distrito de Pântano do Sul, onde se constata o interesse de grandes grupos econômicos, como C.R. Almeida, JAT Engenharia e outros, quanto à urbanização da Planície Quaternária do Pântano do Sul. Todos que conhecem

aquela planície sabem que se trata de uma vasta área com remanescentes da Floresta de Planície Quaternária, que toda a planície é constituída por um ecossistema bastante frágil, com uma enorme área inundável onde ocorre um expressivo afloramento do lençol freático e com significativa vegetação de restinga e paludícola. Por outro lado, o aquífero da planície abastece uma boa parte da população de Pântano do Sul, em torno de 700 residências, embora suas potencialidades hidrológicas sejam totalmente desconhecidas. O Distrito do Pântano do Sul dispõe de uma rica biodiversidade e conta com diversas unidades de conservação e áreas de dunas tombadas, sendo que as mais expressivas são representadas pelos parques municipais da Lagoa do Perí e o da Lagoinha do Leste. No Instituto Ambiente Sul, estamos concluindo os estudos de atualização do Plano Diretor do Distrito de Pântano do Sul, que foi elaborado em 1985, mediante convênio firmado com o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IPUF) e Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (ACIF). A proposta de macro-zoneamento e o diagnóstico foram elaborados com a participação das comunidades locais e tiveram como suporte técnico um conjunto de cartas temáticas analíticas sobre potencialidades, condicionantes e deficiências e uma de síntese, todas em base estável transparente, tipo poliéster. Todo o trabalho foi executado com base em pesquisas de campo, trabalhos de fotointerpretação, leitura de cartas, trabalhos de cartometria e análise ambiental.

Geosul: Gostaríamos de agradecer a gentileza do professor Odair em conceder essa entrevista, assim como ao professor Celito José Israel por sua participação especial.